

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO.—I Obrigatoriedade e liberdade do ensino primario, por **Sylvio Romero**. —II Orthographia phonetica—La question de la Reforme Orthographique, por **João Ribeiro** —III Resenha Politica e administrativa, por **Hypolito**. —IV Da educação, por **Herbert Spenser**. — V Theophilo Dias, por **Felix Ferreira**. — VI Livros Novos, por **Felix Ferreira**. — Divisão Administrativa do Brazil. (Província do Pará) —Bibliographia Brazileira.

Obrigatoriedade e liberdade do ensino primario

I

Não cremos que seja ainda hoje necessário defender theoricamente o salutar principio da obrigatoriedade do ensino primario. É uma questão julgada e que passou ao domínio da prática.

Facta loquuntur.

O principio da obrigatoriedade do ensino é uma das conquistas mais esplendididas da civilisação moderna.

A antiguidade e a idade media, que não tinham uma intuição muito justa da solidariedade humana, não podiam deixar-se imbuir das nobres aspirações de altas tendencias democraticas e cosmopoliticas. O saber, o grande operario da confraternidade contemporanea, não era tido em mui elevada conta, era até desdenhado por certas classes, e, portanto, não poderia jamais tornar-se obrigatorio.

As nações modernas, com a descoberta

e desbravamento de regiões inteiras desconhecidas, com a fundação de nacionalidades novas, com o augmento pasmoso da população, com a decrepitude das velhas organizações militares, com o advento de industrias desconhecidas, iniludiveis, compreenderão que na luta pela existencia os seus cidadãos não terão de então em diante de contar só com o braço: seria necessário contar antes e acima de tudo com a idéa. Dahi a alta conta em que foi tida a instrucción, dahi, como arma de aperfeiçoamento e luta, o ensino obrigatorio.

A nação illustre, que se pode considerar o grande modelo em matéria de educação intellectual, a Prussia, é a notável mestra do ensino obrigatorio.

Desde os tempos do grande Frederico, a instrucción publica prussiana entrou nesse caminho evolucional de amplo e auspicioso desenvolvimento. Esmagado em 1806 pelos exercitos franceses, foi, como geralmente se repete, ainda á instrucción que socorreu-se aquelle povo

para reerguer-se. O resultado foi, o que todos sabem, o engrandecimento constante da patria de Humboldt, sua marcha de victoria em victoria até Sédan...

Não foi por certo exclusivamente á obrigatoriedade do ensino que a Allemanha deveu os seus triumphos; mas á sua educação modelo deve ella grande parte de suas vantagens. Abriguemo-nos n'este exemplo que é tambem o dos Estados Unidos, Suissa, Dinamarca e Inglaterra.

E se taes modelos não nos convêm, por serem de povos protestantes, pertencentes ás raças germanicas, gentes do norte, abriguemo-nos no exemplo recente fornecido pela nossa adorada mestra — a França, a que devemos sempre e sempre obedecer.

As objecções oppostas á obrigatoriedade do ensino primario, taes como offensa á liberdade dos cidadãos, ataque ao direito dos pais, etc., achamol-as tão futeis que não as julgamos dignas de resposta.

Os meios praticos de tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino são de tres ordens: — sua gratuidade aos pobres, a diffusão de escolas por todo o paiz, especialmente nos centros mais populosos, e a imposição de penas aos pais, tutores, protectores, etc., que não mandarem á escola seus filhos, pupillos, protegidos, etc.

Estas medidas justificão-se por si mesmas. A diffusão das escolas é uma condição indispensavel para legitimar a exigencia por parte do estado. Se elle impõe a obrigaçao de aprender aos subditos, é obvio que deve facilitar a acquisition do ensino. A gratuidade para os pobres acha-se nas mesmissimas condições. Na Europa, em paizes onde abunda o pauperismo, além da gratuidade, os governos e municipalidades distribuem ás criancas desvalidas — roupas, livros e utensilios indispensaveis ao ensino.

Para isto provoca-se a creaçao de commissões escolares com certos fundos. A gratuidade para os ricos parece-nos dispensavel. Quanto ás penas devem ser: — multas, perda de certos direitos politicos e prisão em casos de tenaz reincidencia.

Pertence ao tino e perspicacia do legislador graduar convenientemente, attentas algumas circumstancias praticas, a maior ou menor intensidade dessas penas.

II

Se existe these discutida em todos os sentidos, rebutalhada por todas as faces, é a da liberdade do ensino, o que não priva aliás que corrão mundo ainda á sua conta certas idéas erroneas.

Algumas noções capitales, e entre elles a principal de todas — o que seja a propria liberdade de ensino, ainda não sahirão completamente do nimbo das noções obscuras.

Sobre o ponto em questão se nos deparão antes de quaesquer outras duas soluções: a brazileira e a prussiana.

A theoria inconscientemente admittida no Brazil sobre liberdade de ensino é puramente exterior, não penetra no amago dos factos; é altamente nociva e de todo erronea.

Essa liberdade consiste no poder de cada um, *quem quer que seja*, ensinar conforme os systemas e programmas *formulados pelo governo!* ..

Este modo de resolver a questão é meramente exterior; porque não desce a levar a liberdade até á *materia* e ás *doutrinas* do ensino, e refere-se sómente ao pessoal docente, a quem aliás não se pedem habilitações.

É nocivo, porque ás mais das vezes consagra á ignorancia o direito de ensinar a qualquer individuo não preparado, o poder de estragar intelligencias. E' erronea, porque não pega o problema por sua face principal. Justamente o inverso da doutrina allemã.

Na Allemanha não existe liberdade de ensinar no sentido de quem quer que seja, qualquer *parvenu*, poder leccionar. Só pôde ali ensinar quem está inteiramente habilitado, quem tem instruccion demonstrada, e á vista das provas obtém autorização do governo.

Se ha, porém, este afastamento da ignorancia, deixa-se por outro lado uma imensa latitude ao professor, quanto aos methodos e ao que toca á natureza das doutrinas.

O professor allemão é uma força autonomica, sua classe é estimada, sua carreira offerece attractivos e a sua preocupação principal é desenvolver a elasticidade latente dos espiritos, formar as faculdades de critica, preparar o caracter

de independencia da razão, e por isso o pedagogo alemão está sempre a repetir— que a letra *mata* e o espirito vivifica

Nós não entendemos assim: suppomos, para o nosso uso de povo das exterioridades, que devemos rebaixar o ensino, pondo-o ao alcance de ser exercido pelos ignorantes, contanto que illusoriamente o declarem patrimonio de todos. e mostremos ao mundo pomposos programmas, mas sempre revistados pelo governo! Nada de profundeza e autonomia da inteligencia; decorem-se fórmulas, escravise-se o raciocinio, aprendão-se inutilidades, fuljão as douraduras apparentes, impere o charlatanismo e tudo está feito!

Ora, nós o perguntamos qual dos dous methodos, qual das duas soluções da questão é mais exacta, mais verdadeira, mais progressiva? A resposta não pode ser duvidosa, mesmo para os espiritos obcecados.

Entendemos, por tanto, que o dever do nosso governo, se elle quer bem servir ao paiz, é tornar effectiva e amplissima na lei a liberdade completa e radicalissima de doutrinas e methodos no ensino, deitando por terra as compressões de um supposto ensino official por um lado, e por outro, para que esta liberdade seja uma realidade, levantar a classe do magisterio, offerecendo-lhe mais attractivos e maiores garantias de independencia, exigindo-lhe em troco instrucción solida.

Neste terreno temos já alguma liberdade, ainda que bastante lacunosa, que é preciso manter e ampliar. O ensino entre nós não é, nunca foi, senão nos tempos coloniaes, o privilegio de uma classe.

Hoje a carreira do professorado está aberta a todas as capacidades.

Esta liberdade deve ser sempre mantida em cursos particulares e penetrar fortemente nos cursos officiaes; mas sem estorvos, sem peias de qualquer especie.

O ideal em materia de ensino seria que o Estado não se envolvesse nelle, deixando esta funcção pura e exclusivamente aos particulares. Ou seja por vicios de educação, ou por qualquer outra causa, nós não alcancámos ainda essa altura. Apezar da faculdade concedida ha alguns annos por lei, o ensino superior é e tem sido até aqui exclusivamente fornecido nas escolas do Estado; o primario quasi todo acha-se nas mesmissimas condições, distribuin-

do-se nas escolas do Estado ou das províncias. O ensino secundario abre uma exceção bastante honrosa; mas mesmo ahi a ausencia do governo central está muito longe de ser uma realidade.

Procuremos desenvolver o espirito de iniciativa neste ramo da actividade nacional; derroquemos todas as antigualhas, todos os estorvos; quem souber, que ensine, e ensine o que quizer e como quizer.

E as doutrinas perigosas? perguntarão naturalmente. E quaes são as doutrinas perigosas? Serão as theorias philosophicas ou scientificas?

Ellas modificão-se com as phases diversas que a humanidade atravessa, e não ha poder nenhum politico que as possa obstar. Serão o *amor livre*, o *mormonismo*, o *espiritismo*, a *feitiçaria*? Contra estes bastará o bom senso publico e a livre concurrencia. O correctivo para o máo professor é collocar um bom ao lado delle.

Em resumo:

A liberdade de ensinar se refere ao pessoal a quem se concede esta faculdade, e diz respeito tambem ás doutrinas a transmittir.

Somos de parecer que em relação á primeira parte, isto é, ás habilitações dos professores, o Estado deve conservar o seu direito de intervenção, usando delle com o maximo criterio; quanto á segunda, não é da sua competencia julgar doutrinas. Para aquilatar da capacidade do professor, basta-lhe submette-lo ao exame de pessoas illustradas e insuspeitas.

Para avaliar doutrinas fallece-lhe todo o criterio e começa a imperar o capricho ou o prejuizo.

SYLVIO ROMÉRO.

Orthographia phonética

LA QUESTION DE LA REFORME ORTHOGRAPHIQUE (1) é o titulo de um folheto de 7 paginas em que o Sr. Miguel Lemos, auctor de um systema phonetico de orthographia publicado sob o titulo «Ortografia pozitiva» nota a coincidencia das suas vistas

(1) Par Mr. Miguel Lemos—Rio de Janeiro; Dezembro de 1888.

de reforma com as do illustre romanista Arsenio Darmesteter.

Na verdade, hoje em dia, os partidarios do systema phonetico se avantajam em numero e em prestigio, mas entre todos ha a tacita confissão de que «*le problème se trouve donc ramené à déterminer les limites dans lesquelles il faut opérer*».

Mas ahi é que está a questão; deve-se dizer, toda a questão; porque, afinal de contas, o systema actualmente seguido, o denominado *mixto* é a consagração do phonetismo dentro de *certos* limites.

Tanto quanto podemos julgar pelo opusculo principal do Sr. Miguel Lemos, o *tipo medio* de representação phonetica é bastante imperfeito e de nenhum modo acceitavel, por desigualmente revolucionario em umas cousas e tolerante, conservador em outras.

Para nós, (1) a orthographia abrange duas reformas bem distinctas, reclamadas pelas duas seguintes series de factos :

1^a) *Inutilidade de varias letras nas palavras tales quaes são escriptas hoje.*

Deve-se suprimir as letras inuteis que aparecem nos grupos *th*, *ch*, *ps*, *ph*, etc e as letras que não soam como o *h* e as letras geminadas, *ll*, *mm*, *tt*, *cc*, etc. (2) Esse excesso de letras são grecismos e latinismos que devem ser expulsos da orthographia, pois que para os anglicismos, arabismos não ha as mesmas regalias.

A reforma d'esta primeira serie de factos é perfeitamente exequivel e acceitavel com prazer, desde que a auctoridade official ou a de um grupo de homens doutos a adopte e vulgarize. E' a reforma mais ou menos operada no castelhano e no italiano.

A segunda serie de factos, porém, é de ordem muito mais grave :

2^a.) *Imperfeição demonstrada do nosso alfabeto.* O nosso alfabeto é deficiente, omisso e redundante; tem os vicios mais oppostos e não satisfaz, senão mui mediocremente, ás necessidades e á correccão da prosodia actual. Ora, o que julgamos inex-

(1) Confessamos, como peccado nosso, nunca nos terem seduzido o espirito as questões de orthographia. Não obstante, nos ultimos tempos, temos sido levados a pensar sobre o assumpto.

(2) O *h* deve ser conservado quando exerce função phonica, *nh*, *lh*; no mesmo caso esão as genuinações *ss*, *rr* que valem differentemente de *s*, *r*.

equivel é a reforma do alfabeto: crear caracteres novos, ou dar a caracteres velhos usos exclusivos, diferentes e fixos é totalmente irrealisavel.

A reforma da 1^a ordem de factos (*supressão de letras excessivas*) é perfeitamente viavel; pôde-se escrever *filosofia*, *teologia*, *aritmetica*, etc. porque essas reformas diminuem, mas não alteram o valor tradicionalmente recebido das letras.

Depois, se o nosso alfabeto é reconhecidamente imperfeito é mais logico substituir por outro e não toleral-o para fazer novas convenções antipathicas á verdade e ao uso.

Assim pois, em conclusão, os dislates da escripta resultam ora do excesso de letras originado do eruditismo — molestia curavel e que não existia antes do seculo XVI; ora das graves imperfeições do nosso alfabeto — cousa de cura bem difficult e talvez impossivel

A melhor reforma que os phonetistas podem fazer, em nossa opinião, é a eliminação do purismo classico que deu ás palavras latinas e gregas uma feição orthographica contraria á natureza da nossa prosodia.

JOÃO RIBEIRO.

SONETO ANTIGO

não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno

(CAMÕES).

Outro que a fama dos teus beijos diga
E a luz exalte e a voz e o gesto brando;
Eu que a verdade prezó e odeio a intriga
Não irei teus primores divulgando,

Não! que movido pelo exelso mando
Da minha casta lealdade amiga,
Posso-te a vida de hoje enumerando,
Enumerar-te a minha vida antiga,

Direi que, sempre, agora, e a todo instante,
Nunca me trouxe o peito subjugado
Teu affecto venal, fero e inconstante,

Mas não penses, orgulho degradado,
Que te cantando em verso, acaso eu cante
A ti-formoso e lugubre peccado.

Rezenha Política e Administrativa

Confesso, e não sem um certo vexame, que a sciencia que sempre tive por mais fallivel foi a — Economia Politica; por mais que me digam os grandes mestres, e esclareçam as melhores obras, sempre achei essa sciencia falha no tocante a vaticinios, não obstante serem os seus calculos baseados nas sciencias exactas por excellencia.

A Economia Politica como expoente das lições do passado, com os seus dados estatisticos, as suas considerações praticas, os seus exemplos comparativos, bem; deve ser lida e meditada. E' fóra de duvida que ella dá normas para o proceder financeiro, tanto dos individuos como das nações; mas, como vaticinadora, *ad instar* da astronomia, prevendo factos e determinando evoluções, deixa ainda muito a desejar. Não duvido que atinja ainda a perfeição do positivo, mas por enquanto não ha muito que fiar nella.

Andava este pobre Brazil aos tombos com o — deve e haver —, não sei ha quantos annos, em alta de cambio constante, sem jamais lograr attingir ao desejado *par* desde 1847, ha quasi meio seculo por conseguinte. E durante esse largo periodo de tempo, foi a materia profundamente estudada e discutida pelos luminares da casa; e não só foi discutida e estudada como submetida aos mais adiantados processos pelos grandes experimentalistas como Itaborahy, Abrantes, Salles Torres Homem, Rio-Branco, Lafayette, Affonso Celso, Francisco Belisario e outros, que de momento me escapam á memoria; mas no fim das contas tudo ficava na mesma.

Longe de mim duvidar um momento do saber e competencia dos precipitados estadistas, tão illustres por mais um titulo. Ahi estão as paginas dos *Relatorios do Ministerio da Fazenda*, testemunhando o valor scientifico desses illustres timoneiros da nau do Estado. As mais bellas theorias, os mais bem deduzidos calculos, as mais luminosas concepções ali se encontram explanadas com uma claresa admiravel. Ninguem ao lê-las, deixaria no fim, quando foram publicadas, de exclamar cheio de jubilo — agora sim! agora endireitam-se as finanças. Mas, com grande pesar força é reconhecer, que as cousas senão continua-

vam, melhoravam temporariamente para bem depressa voltar á mesma.

Planos os mais alevantados foram postos em practica, lado dos mais modestos, os mais ousados a par dos mais timidos; ensaiou-se por vezes a conversão; procurou-se reter o ouro cunhado no paiz, e quando este desappareceu atrahir o estrangeiro. Tentou-se por meios artificiales baixar o cambio; o visconde de Itaborahy emitiu o *bond* pagavel em ouro, mas da inovação apenas nos ficou o nome applicado aos *tramways americanos*; o Sr. visconde de Ouro Preto, então Affonso Celso, comprou e exportou café por conta do Estado; mas tudo foi debalde, o Thesouro continuou a pagar annualmente pesadissimo tributo ao cambio, o que duplicava senão triplicava ás vezes os enormes juros da sua sempre crescente e grande dívida.

Mas eis que, de subito, assume a direcção dos negocios financeiros, o Sr. João Alfredo que não se confessou como o Sr. Visconde de Sinimbú um amador em finanças mas que foi qualificado como menos que isso — um aprendiz —; e como aprendiz que era começo por atirar com a igrejinha abajo, a ver talvez em que base se firmava ella. Deu a ultima demão ao que se dizia ser a ruina completa do paiz, extinguio enfim a escravidão de chofre, e terminou fazendo como o macaco em perigo, cruzando as mãos sobre a cabeça e deixando-se levar pela corrente dos acontecimentos.

Quando o gabinete 10 de Março ascendeu ao poder, trazendo na mão a terrível bandeira da abolição, predisseram desde logo os luminares das sciencias economicas, que o primeiro signal da desgraça seria a alta do cambio que o Sr. Francisco Belisario, com tanta destresa quanta felicidade, conseguira baixar até ás portas do 26; mas em vez disso, o cambio manteve-se, o 26 como que desejoso de assistir ao 13 de Maio não se escafedeu, como se soppunha, e dentro em pouco, com grande pasmo senão escandalo dos mestres da sciencia, proclamada a abolição, anunciada pelas trombetas de Jerichó a queda dos muros de Jerusalem, como prodromos da terrivel destruição o cambio não contente de ir a 27 ultrapassou o par!

E' bem o caso de parodiar o grande épico

Que digam agora os sabios da escriptura
Que segredos são esses da *fartura*
... do ouro que nos ameaça com uma

inundação capaz de produzir uma crise ao em vez da de 1864 em que os portadores de titulos se accumulavam as portas dos bancos agitando pedaços de papel em troca dos quaes queriam á viva força que lhes dessem moeda sonante?

Como se explica isto?

Os abolicionistas isto é os abolicionistas confederados sob a bandeira do Sr. Clapp, afirmam que tudo isso é obra do 13 de Maio; e com que seriedade elles o afirmam! Dir-se-hia que se soppõe em plena Beocia, e que este povo que o Sr. Antonio Prado, talvez com razão já chamou de carneiros do Panurgio, é todo composto da guarda negra.

Estes abolicionistas confederados são uns gaiatos de muita força; ha dias, veio pela imprensa o chefe, o grande chefe e disse lá umas tantas cousas que não vem ao caso. o porta-estandarte—o arauto da imprensa abolicionista—, reeditando as palavras sagradas pol-as sob umas l^ttras garrafas, no sentido de fazer ver que aquillo é que era a lei, dias depois ou no mesmo dia pouco importa agora averiguar o caso, sahiram lá de Petropolis os Srs. Joaquim Nabuco e Rebouças e sancionaram a decretação do chefe Clapp; dahi concluiram, este e o porta-estandarte, que os abolicionistas estavam unidos politicamente falando-o pelo menos os abolicionistas confederados, mas alguém lembrou-se de perguntar se o vice-presidente da confederação estava tambem de pleno acordo no caso.

Até agora nada de resposta. Eu não sei quem é o vice-presidente, mas sei que o Sr. Luiz de Andrade representava papel importante na confederação, e por isso tinha curiosidade de saber se elle se acha tambem de harmonia com a conhecida firma Clapp & C.

Mas, voltando ao cambio ou antes ás finanças, dizem os abolicionistas confederados que tudo isto é obra da Lei de 13 de Maio, esta baixa de cambio, esta plethora de ouro, esta abundancia de colheita, esta febre de emprezas, estes caudas de emigração, e não sei se tambem a febre amarella, a perniciosa, o beriberi, são fructos da aurea lei.

Se assim é cumple reconhecer que as leis da natureza ao contrario das humanas tem effeitos retroactivos. Foram as massas dos libertos, que antes de se alistarem na guarda-negra, plantaram, colheram e exportaram o café em barda, para mimo-

sear a Redemptora e ao Sr. José do Patrocinio com uma chuva de ouro no proximo dia do anniversario da lei. De duas uma ou fizeram tudo isso no curto prazo de um anno ou tiveram poder bastante para que em passado que iam deixar cheio de misérias se convertesse em opulencias.

Dicididamente estes abolicionistas confederados julgam-nos uns beocios, querendo-nos impingir á conta da abolição tudo quanto de bom está acontecendo, e ao mesmo tempo carregar o mau para o ferrenho escravismo.

Aquelles porem que não reconhecem o Sr. Clapp por chefe, e nem o julgam capaz disso, a menos que não seja de alguma caixa de previdencia, e isso mesmo só nos bons tempos do tal escravismo de uma figura; aquelles que pensam e reflectem, que acompanham os acontecimentos, apreciam os homens e as cousas pelo seu justo valor, começam por não ter inteira confiança nesta apparente felicidade nacional, e não attribuir nem á lei 13 de Maio nem áquelles que a pozeram por obra, a abundancia da colheita do café, que aliás em grande parte se perdeu, quer pela quantidade quer pela qualidade, muito menos a abundancia de ouro que invade os nossos mercados.

Foi ainda a escravidão quem cuidou das plantações que por despedida talvez tambem foi de excepcional producção; conseguintemente a abolição se nisso interveio foi em prejuizo por vir um tanto cedo; bastaria talvez mais um anno de manutenção da lei de 28 de Setembro de 1885 para que a laboura, se não de todo fosse indemnizada, pelo mesmo em grande parte se lhe atenuasse o prejuizo.

O açodamento dos que só se deixavam levar pelos impulsos do coração, logrando arrastar o animo d'aquelle que se deveria conservar dentro da esphera que a constituição colocou na mais elevada e serena das regiões, olíticas do imperio, fel-a sahir fóra dessa esphera e deslumbrada pelas gloriolas com que lhe acenavam os confederados do *ricovio* colocar-se á frente da revolução social agitando a bandeira do *bota abraço*.

Mas, a boa da senhora com sua simplicidade de dona de casa, não se apercebeu do perigo a que se expoz. Uma vez envergada pela grande estrada de novos e largos horizontes, a nação não poderá parar ao primeiro aceno desses pobres coitados, que

simples instrumentos dos acontecimentos julgam-se delles directores, suppõem-se encaminhadores quando são encaminhados, ou antes levados de roldão pela torrente que desce do alto da montanha.

Não valerão ao throno, nem essa guarda negra com que o Sr. Patrocinio quiz fazer de Papão, fallando grosso para meter medo as creanças, nem esses abolicionistas confederados que tem por chefe o Sr. Clapp; confederacão essa que muito se assemelha aos exercitos das scenas theatraes, em que sempre a mesma meia duzia de soldados leva a entrar por um lado e a sahir pelo outro por espaço de alguns minutos para produzir a illusão desfillar de numerosa tropa, mas desde que o espectador fixa a attenção descobre sempre as mesmas caras e di logo com o artificio.

Essa confederacão que depois de 13 de Maio só nos apparece nos momentos solenes (lá para elles) com o Sr. Clapp á frente, rodeado dos Srs. Joaquim Nabuco e André Rebouças, e seguido do Sr. José do Patrocinio a agitar a bandeira e rufar tambor ao mesmo tempo, e mais não disse, é um cumulo de ridiculo. Todas essas fraudulagens só tem hoje um lugar decente a ocupar, é no Museo onde o Sr. Ladislau Netto deve colocar-as entre a jangada do Nascimento e o balanço das kermesses de 25 de Março de 1882.

HYPOLITO.

Observação

A publicação dos artigos sob o titulo *A Cultura philologica no seculo XVI* do nosso collega João Ribeiro continuar-se-á mais tarde. Os artigos já publicados sahiram infelizmente eivados de erros typographicos, dos quaes pedimos desculpa aos leitores.

Da educação

QUAL É O SABER MAIS PROVEITOSO

SUMMARIO: —Como o adorno precedeu o vestido, o gosto do brilhante supplantou na educação o util. —Investigação do valor dos conhecimentos. —O fim da educação deve ser preparar-nos para a vida completa. —Classificação dos diversos generos de actividade humana: 1.ª a que tem por objecto directo a conservação do individuo; 2.ª a que concorre indiretamente para a conservação do individuo, ocorrendo por este meio ás necessidades da existencia; 3.ª a que tem por objecto o governo e a educação da família; 4.ª a que assegura a sustentação da ordem social e política; 5.ª a que é empregada em preencher os ocios da existencia pela satisfação dos gostos e dos sentimentos.

1.º A educação que nos preparou no primeiro género de actividade, tendo por objecto a conservação de nós mesmos. — Importância da physiologia.

2.º A educação que nos põe em estado de prover ás nossas necessidades. — Importância das matemáticas, das sciencias physicas e naturaes, da sociologia.

3.º A educação que prepara para o governo da família. — É esta hoje completamente nulla. — Consequências deploraveis desta lacuna. — Conhecimentos necessarios áos parentes.

4.º A educação que prepara para as funções de cidadão. — Critica do ensino actual da historia. — O que devia ser o ensino da historia. — Importância das diversas sciencias para preparar o homem para as suas funções sociaes.

5.º Educação litteraria e artistica. — A cultura estheticá sendo um objecto de luxo, não se lhe deve sacrificar a aquisição dos conhecimentos mais imediatamente uteis. — Além disso o estudo das sciencias prepara para melhor comprehendere as artes.

Valor da sciencia como disciplina intellectual e moral. A sciencia nas suas relações com o sentimento religioso. Conclusão: A sciencia é o saber mais util.

Verificou-se já com exactidão que no decurso dos tempos o adorno precedeu o vestido. Os povos que se submettem á vivos sofrimentos para se adornarem de salientes pinturas feitas no proprio organismo, supportam temperaturas excessivas sem por forma alguma tractarem de as moderar. Humboldt diz que um Indio orenoque, não se importando nada com o bem estar physico, trabalhará durante quinze dias para conseguir as cores, em virtude das quaes conta fazer-se admirar, e que a propria mulher, que não hesitaria a sahir da sua cabana sem a sombra do um vestido, não ousaria commeter tão grave infracção do decoro como a de se apresentar sem estar penteada. Os viajantes observam sempre que junto das tribus selvagens os vidrilhos e bugigangas

têm mil vezes mais aceitação do que os tecidos de ramagens ou o panno grosso.

Todas as anedotas sobre a maneira grotesca como os selvagens se cobrem com as camisas que lhes dão, mostram a que ponto a ideia do adorno domina a do vestido. Ha ainda exemplos mais frisantes, como o seguinte facto, referido pelo capitão Speke (1): quando estava bon tempo os africanos da sua comitiva pavoneavam-se orgulhosamente com o seu manto de pelle de cabra; mas á menor humidade tiravam-n'o promptamente, para o dobrarem com cuidado e ficavam a tiritar, completamente nús, á chuva! O que sabemos da vida primitiva parece indicar que o vestido é realmente derivado do adorno. Ha tanta mais razão para admittir esta origem, que entre nós muitas pessoas se importam mais com o luxo do que com o conforto, mais com a elegancia do que com a comodidade, mais com a figura que proporcionam os seus vestidos do que com os serviços que lhes prestam.

E' curioso observar que a mesma correlação existe na esphera intellectual. Para o espirito, como para o corpo, o util cede o passo ao decorativo. Actualmente, como outr'ora, a sciencia applicada ao bem estar é collocada, em segundo logar depois das artes que fazem brilhar. Nas escholas gregas aprendia-se principalmente a musica, a poesia, a rhetorica e uma philosophia, que, até ao ensino de Socrates, pequena influencia exerceu sobre as accções dos homens; o saber, applicado ás artes industriaes, ocupava um logar muito inferior. A mesma antithese existe ainda presentemente nas nossas universidades e nas nossas escholas. Os homens formam o espirito dos seus filhos como vestem o corpo, seguindo a moda dominante...

Este paralelo é ainda mais exacto com relação ao outro sexo. No que toca ao corpo e ao espirito o elemento decorativo continuou a predominar nas mulheres em mais elevado grão ainda do que nos homens. Na origem o adorno da pess a preccupava egualmente os dois sexos. Com o desenvolvimento da civilisação o sentimento do bem estar tomou o primeiro

logar no que diz respeito ao vestido dos homens. Pelo mesmo motivo a sua educação só desde ha pouco, foi mais dirigida no sentido do util do que no do agradavel. Mas para as mulheres esta mudança não seguiu a mesma progressão, nem num sentido, nem n'outro. O desejo de excitar a admiração excede nas mulheres o de possuirem fatos quentes e commodos; os brincos, anneis, pulseiras que usam, os penteados complicados, os enfeites que applicam, os cuidados enormes a que elles se dão para terem *toilettes* que chamem a attenção, os tormentos que se impõe para seguir a moda, são outras tantas provas em apoio da nossa affirmação. Do modo na sua educação a consideravel preponderancia concedida aos *talentos* demonstra ainda quanto o util desapparece nellas sob necessidade de brilhos. Que immenso logar dado á dansa, á maneira de se apresentar no mundo, ao piano, ao canto, ao desenho! Para que lhe ensinam o italiano, o alleman? A verdadeira razão, occulta sob todos os falsos pretextos que vos darão, é que o conhecimento d'estas duas linguas passa por necessario a uma mulher do mundo. E isto não porque os livros escriptos neste idioma possam servir-lhe de alguma utilidade—não têm nenhuma para ella—mas porque poderá cantar em italiano, em alleman, porque o grau de perfeição com que executa estes exercícios attrahe successos e murmúrios de admiração. Saturam a memoria de uma mulher de datas de nascimentos, de mortes, de casamentos reaes e outras ninharias historicas do mesmo genero, não porque algumas vezes que seja util saber-as, mas porque o mundo considera este genero de instruccion como fazen o parte d'um bôa educação; ignorar estas cousas seria expor-se ao desdém de outrem. A leitura, a escripta, a orthographia, a gramatica, a arithmetica, a custura, eis quasi os unicos conhecimentos que fazem adquirir ás donzelas em vista de sua utilidade na vida pratica; e ainda muitas destas cousas são ensinadas mais em respeito pela opinião d'outrem do que pela sua vantagem pessoal...

HERBERT SPENSER.

(Continua).

(1) Celebre explorador inglez, morto em 1864. Foi a elle e ao seu companheiro de viagem Grant que se deve a descoberta das origens do Nilo.

Theophilo Dias

E' morto o glorioso herdeiro do egregio cantor de *Y-uca-Pirama*.

A provincia do Maranhão, que ainda mal alliviára o luto por Joaquim Serra, carrega-o de novo, vergando a fronte á dor profunda que a recruscia.

A perda que acaba de soffrer as letras patrias é grande, porque Theophilo Dias era um poeta de primeira ordem, uma estrella de primeira grandesa, interrompida de subito na larga trajectoria, quando ainda não havia attingido ao maximo brilho.

A morte de um escriptor desta plana, não affecta sómente o nosso pequeno mundo litterario; a catastrophe radia e percutte todos os pontos da nossa esphera social. Os poetas, aquelles que são dignos desse nome, representam tambem o seu papel, de não somenos importancia, na vida das nações. E na quadra que vamos atravessando Theophilo Dias, desempenhava-o bastante saliente, para que o seu desapparecimento d'entre os vivos, não se impõnha como um acontecimento bem notavel.

O dia 30 de Março de 1889 ficará nas ephem erides da patria como uma das datas, para nós, de mais triste memoria, por nella ter deixado de palpitar o coração de um poeta como foi o do insigne paraprasista do *Ashwerus*. E jamais será esquecida, porque ella tambem lembra o dia em que rompendo os liames da vida terrena, a quelle bello espirito foi para sempre luzir esplendente na grandiosa constellação em que Gonçalves Dias e José de Alencar de ha muito scintillam com desmesurado brilho.

Chore-o a patria, chore-o a província que lhe deo o berço, chore-o a que lhe deo o tumulo. Seja-lhe o sepulchro orvalhado das quentes lagrimas da esposa e dos filhos, dos amigos e dos admiradores; mas á vós outros poetas, cabe-vos só enaltecer o de flores, e em vez das gembundas vozes de saudade, embora com as lyras involtas em crepe, vós outros illustres e dignos filhos da nova geração, entoae hymnos de gloria á aquelle que acaba de transpor os humbraes da posteridade.

Cantae, cantae moços laureados, que a vossa missão é cantar, e seria desalentador para a patria que chorasseis no dia em que levaes á derradeira estancia coberto de flores, o inanimado corpo de um dos vossos mais adoraveis irmãos.

Não vedes as creanças, como vão vesti-

das de branco, com seus grandes ramos de rosas alegres, levar ao cemiterio o condiscípulo que morreu?

Tambem vós, moços poetas, creanças eternas da vida humana, cumpre-vos, coroados de odòrosos myrthos, rodear o tumulo querido de Theophilo Dias entoando os vossos hymnos de amor e de ventura.

Os poetas que morrem em pleno florir dos annos, são como as creanças, não pedem luto nem lagrinas dos companheiros; querem risos, querem flores, isto é, querem versos, querem cantos para embalados em doces harmonias, como os anjos em nuvens doiradas, alarem-se a essas regiões serenas onde só penetram os imortaes impeccaveis.

Não vos cancelais em levantar monumento, por mais bello que seja de granito e bronze, de marmore e ouro, porque acima de tudo isso levantou-o elle, o genial artista, na sua obra impericivel, embora truncada, que atirou éuos a dentro á conquista da gloria, que tão cedo e tão fatalmente coube-lhe em grande partilha.

Deixaes em paz aquelle cantinho de terra onde occultaram-lhe os despojos da vida material, deixae-o, que essa parte dos thesouros legados pertence intacta á esposa e aos filhos; não a toqueis. Maior quinhão vos cabe, patria, ó provincias que lhe deste o berço e o tumulo, ó companheiros do moço poeta, ahí tendes os seus escrinios de harmonias, vaza-e-os, vaza-e-os co no prodigos que por muito que os despejeis jamais conseguireis exgotal-os.

Suas gemmas são como os pequeninos grãos de que nos fallam as santas escripturas, multiplicam um por mil, por milhões. Quantos mais as semeardes pela terra mais se multiplicará o renome de Theophilo Dias.

E esse nome que tanto glorificava a vós outros representantes da nova geração, já vos não pertence, passou ao opulento apanagio dessa perennal nocidade que para se npre fulgirá nas paginas da historia das letras patrias, como os nomes eternamente juvenis de Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro d'Abreu e Mamedo Junior.

Quanto a mim, ha tantos annos afeito a adorar essa constellação divina, só me cabe genuflexo ver ascender o novo astro que desd: os primeiros albores tanto me encanta a existencia.

FELIX FERREIRA

Livros Novos

Valentim de Magalhães—*Horas Alegres*—Rio de Janeiro 1889—1 vol in-16 vide *Bibliographia Bol. XVI*)

Arthur Azevedo—*Conversos Possíveis*—Ibid. 1889—1 vol in-16 (vide *Bibliographia Bol. XVI*)

A nossa bibliographia, não já tão pauperrima como por ahi apregoam os que a não conhecem, acaba de enriquecer a sua secção amena com dous novos...

Ia a escrever—livrinhos,—mais receioiso que me aconteça com estes dous autores o mesmo que com Joaquim Serra, de saudosissima memoria, recuo a tempo e aqui concluo—volumes.

Era exquesito aquelle adoravel espirito do Serra, por pequeninas coisas arrufava-se como uma menina caprichosa; verdade é que também como com esta o arrufo era passageiro, como uma nuvem e n tarde luminosa. Publicando elle um pequeno trabalho—*Sessenta annos de jornalismo no Maranhão*—que nem por ser de curto folego deixa aliás de ter merecimento, e dando eu a respectiva noticia no *Brasil*, qualifiquei de—livrinho— a nova publicação, pois tanto bastou para o meu velho camarada de imprensa, arrufar-se comigo. Velho e bom camarada, contemporaneos folhetinistas de 1870, já lá vao vinte annos quasi, elle, o Guimarães Junior e eu; eu no *Desescrias de Julho*, o Guimarães no *Diario do Rio* e o Serra na *Reforma*.

No entanto fôra na melhor intenção do mundo que eu escrevera—livrinho— e tanto que havia acrescentado,—precioso;— mas nem assim o Serra *estava pelo* áut^o tomava a má parte o diminuitivo o que no entanto eu só dera por maior apreço. Debalde explicava lhe desfazendo-me em desculpas, que o seu conterraneo o mavioso Gonçalves Dias, quando o metiam á bulha pela sua pequena estatura, costumava a dizer, e com justo orgulho, que as finas essencias se guardam em pequeninos crystais. José de Alencar, que tambem não se avantajava pela corpulencia, em un dos seus *signs* dissera haver encontrado «Gonçalves Dias pendurado a um charuto», o cantor dos *Tymbiras* nem por isso se zangou nem jamais procurou dar a seus livros o aspe-

cto dos calhamaços do seculo XVII e XVIII.

Cá por mim declaro que sou contra os grandes formatos, e detesto-os quando os vejo applicados a obras litterarias; um volume de poesias in-4º que horror!

Mucio Teixeira, talvez por ser poeta dos pampas, é que teve a infeliz lembrança de nos dar as *Hugonianas* «em um grande e grosso volume» como annunciam os livreiros, e ultimamente publicou as suas *Poesias e Poemas* quasi *infol*. Já não era assim Theophilo Dias, a quem a desapiedada morte acaba de arrancal-o aos carinhos da esposa e aos affectos dos admiradores; as suas *Fanfarras* cabem em um bolço do collete, e com que afago não as guarda ali o amador para fruir-as entre moitas de flores, lá em um cantinho do jardim, quando o sol se despede além das montanhas e os passaros emudecem.

Mas, só agora reparo, que a questão dos formatos e a explicacão do—livrinho— quasi desgarra-me de todo do traçado canhinho, e mete-me entre tres maranhenses, cada qual mais illustre—o Serra, o Gonçalves Dias tio e o Dias Sobrinho, todos tres dormientes sob as arcadas da gloria.

Tres, disse eu, quatro deveria dizer, pois un dos autores que dão assumpto a esta palestra, apreciação ou como melhor nome tenha, contanto que não seja—critica—cujos processos complicados tão eruditamente expostos aqui pelo visinho da esquerda Sylvio Romero, estão a pedir volumacos, os taes, e eu aqui estou a tratar de voluminhos, vá lá o diminuitivo; pois um dos autores, repito, das duas novas publicações,—Arthur Azevedo tambem é maranhense, e da bôa gemma.

Isso me entristeceria um pouco, vendo-me só entre maranhenses, parecendo-me assim que os fluminenses só dão ou para revolucionarios e no o meu velho amigo Trovão, esguio como uma torre e feroz como um Ferrabraz quando promove conciões, ou para fazer diccionarios como o não menos revolucionario amigo Moreira Pinto, em uma interminavel serie de volumes, que nem a tiro, eu os chamaaria jamais de livrinhos; se felizmente Valentim de Magalhães, não fosse carioca, e segundo soppõnho tambem da gemma.

Isto consola-me, alegra-me, ufana-me até; pois, ás vezes chego a pensar que o meu Rio de Janeiro está ficando esteril de talentos, litterarios; verdade seja que

nestes ultimos tempos dos espiritos afinados que tem desabrochado gentilmente alguns suspeito eu serem cariocas. De Mario de Alencar tenho ate certeza, pois o vi na infancia quando sahia a passeio pela praia de Botafogo como o pai, o meu grande mestre e amigo; tambem é esta a unica gloria deste pobre discípulo.

O leitor, e não ponho em duvida que tenho mais de um, chegado a este ponto, já deve ter perguntado:—mas afinal, que nos diz V. dos livros ou dos livrinhos, se os autores não tem as mesmas exquisitices do Serra?

Já lhes satisfaço a curiosidade.

Valentim de Magalhães reunio em um volume alguns contos e phantasias, que andavam esparsos por jornaes em que tão brilhantemente tem collaborado, o mesmo fez Arthur Azevedo; e eu acho que ambos fizeram muito b.m.

A critica, a tal dos processos germanicos que o Dr. Sylvio Romero está applicando ao nosso movimento intellectual de 1888, exigiria por certo escropulosa selecção, entendendo que umas tantas cousas escriptas para jornal não devem passar a livro; eu, porém, que não estou fazendo critica, nem me metto nisso, mas, como simples amador, apreciando apenas, não exijo cousa alguma, porque acho que as paginas maia fracas servem para pôr em relevo as mais vigorosas, justamente como as meias tintas que se esbatem lá para o fundo do quadro, dão uns tons leves e luninosos para aureolar as figuras do primeiro plano.

Li os dous volumes, cada um de uma assentada, e antes do mais, devo dizer: — gostei —, gostei como quem gosta de um trecho de musica alegre, sem indagar dos competentes se está «conforme as regras da arte», a grande arte, a classica, a wagneriana, a cacete enfim.

Nunca me pejei de dizer que o *Baile de Mascar's* é o meu ideal em opera lyrica, dou tudo pela aria do pagem; e se permaneço no theatro a ouvir o *Propheta* é só alentando a esperança de que a grande marcha virá arrebatar-me com aquella magestade olympica dos grandes epicos, que como as creações Dantescas ou Angelinas assombram; assombram, mas.... deixam-me só assombrado; põe-me nervoso, tiram-me o sono, ou entrecortam-n'o de sonhos hoffmannicos.

No genero dos dous novos livros de Va-

lentim de Magalhães e Arthur Azevedo, o que me apraz é a naturalidade, o chiste e a novidade.

Não direi, até porque não quero ser lisonjeiro, que tudo isso encontrei na *Horas Alegres* e *Contos Possíveis*, não, nem sempre; mormente a novidade que, tanto em um como em outro, falta ás vezes.

A terceira parte principalmente das *Horas Alegres* ressente-se e muito dessa falta; os *Estratagemas do Guedes* e o *Credor vendido* são contos velhos vestidos de roupa nova, é verdade que o corte é da moda e tem certa garridice; aqui e ali, brota ás vezes a pilheria expontanea e de bom quilate. As *Aventuras do Souza*, comquanto tenha o quer que seja de conhecido, com tudo é a que mais me agradou dessaparte.

O *Pesadelo do coronel Batalha* tem muita graça e actualidade, e a *Viagem maravilhosa através do Jornal do Commercio* é uma parodia traçada com muita arte, das de Julio Verne. O autor ahi revelou aptidões para o genero muito apreciaveis, e se quizesse teria desenvolvido mais a phantasia, o que talvez não fosse mau, pois exceptuaram-lhe algumas secções que dariam ensejo a paradoxos de fino espirito, como Valentim de Magalhães os sabe fazer.

Nos *Contos Possíveis* de Arthur Azevedo, nada menos de vinte e quatro, ha também anecdotás conhecidas como o proprio autor é o primeiro a confessar; as *Aventuras do Borba*, por exemplo, são um tecido de casos em boa parte attribuidos ao celebríssimo *Maranhense* Ignacio José Ferreira, que Arthur Azevedo, affirma ser antes Cearense, o que aliás não me parece aceitável sem bons documentos, porquanto Ignacio Ferreira deu-se sempre como filho do Maranhão e intitulava-se até o *Vate de Bacanga*; vate de má morte é certo, mas que no entanto publicou poesias de muito merecimento. Note-se que eu digo — publicou — e não compoz, porque quem para elle as compunha era o poeta Laurindo, que na sua vida bohemia não raro estacionava pelo Castello, onde residia o famigerado *Maranhense*.

Aprove ao autor dos *Contos Possíveis* escrevel-os ás vezes em prosa rimada, ou para melhor em versos-rima diluidos em prosa; uma invenção portugueza que não ha de levar o autor á posteridade. Quanto a mim esse é o maior senão dos contos que o Arthur Azevedo submetteu a

tão condenavel processo. Ou bem prosa, ou bem verso.

A attenção que o leitor é forçado a dar á rima, logo que a percebe, rouba todo o interesse á accção; bem depressa a leitura torna-se monótona, e acaba-se lendo automaticamente.

Bem andaria o autor se na segunda edição, eu acredito que a terão breve os *Contos Possíveis*, os pungisse de tão mal cabida rima, tanto mais que justamente n'aquelles em que as empregou é que se encontra mais originalidade e sentimento.

O *fato do actor X, que susto!, expediante, inter pocula, desillusão*, e outros que não cito para não alongar a lista, são paginas que desannuviam o espirito, e nos dão á alma como que um banho de luz matinal ridente e perfumada; lê-se rapidamente, tão rapidamente como o descuidado do estylo denuncia terem sido escriptas.

Quando digo -descuidado—subentenda-se refiro-me á natural fluencia do escriptor, que não se demora a procurar termos e arredondar periodos, a trabalhar enfim com tanto apuro que a arte degenera em artificio.

O genero das *Horas alegres* e dos *Contos possíveis*, não requer outro dizer, seria sensaborão estar agora um autor a rebuscar nos classicos, phrases admiraveis em um periodo de historia mas detestaveis em um trecho de prosa alegre. Digam lá o que disserem, para mim o estylo de D. Francisco Manoel de Mello ou do padre Manoel Bernardes, é muito bom mas é justamente para o que foi applicado aos *Apolo os dialogos* ou a *Novi floresta*, mas revivel-o agora na *physiologia do bond* do Valentim, ou no *b thete de loteria* do Arthur, seria o mesmo que ir buscar a um museu de antigualhas um *treja-moleque* e plumas encarnadas, do tempo de D. João VI, para adornar uma joven walsista de um baile no Cassino.

Já disse, e torno a dizer, não estou fazendo critica, ou criticando, escolham os classicos, e menos fazendo *pronuncio* aos dous novos livros, até porque isto só seria em favor dos editores, que nem me dei ao trabalho de ver quem são nem que taes eram, pois isso não diz nossa *Bibliographia*, naturalmente porque não vio os volumes. Estou apenas externando, em palestra amigavel com o leitor, as impressões que tive percorrendo as fugidias paginas do Valentim de Magalhães e Arthur Azevedo, aos

quaes agradeço a fineza da valiosa offerta que vae juntar-se ao que de ambos já posse a minha modesta bibliotheca, na qual, por amor á historia patria e respeito aos grandes mestres da lingua vernacula, sou obrigado a guardar como thesouros uns tantos calhamaços, que felizmente se acommodam nas raías inferiores das estantes, quer dizer nas lojas, onde, como nos mais altos sobrados, estão os que, como os autores dos *Contos possíveis* e das *Horas alegres*, não tem a desgracada lembrança de encerrar finas essencias em bojudos garrafões.

Guerra aos *in folios*.

FELIX FERREIRA.

II PROVINCIA DO PARA'

Cidades

6—Belem, capital da provincia, fundada em 1616, compõe-se de 12 parochias :	
34) N. S. da Graça da Sé, creada em 1616	
35) Sant'Anna da Campina " " 1727	
36) SS. Trindade " " 1840	
37) N. S. de Nazareth do Dest. " " 1861	
38) S. Vicente de Inhangapy " " 1879	
39) Sant'Anna de Bujaru " " 1758	
40) S. Domingos da Bôa Vista " " 1758	
41) Sant'Anna do Capim " " 1758	
42) S. F. Xavier de Barcarena " " 1758	
43) N. S. da Conc. de Bemfica " " 1758	
44) N. S. do O do Mosqueiro " " 1868	
45) S. Miguel do Conde " " 1873	

6—Bragança, fundada em 1753, cidade por Lei provincial de 2 de Outubro de 1854, compõe-se de uma só parochia :

46) N. S. do Rosario de Bragança, creada em 1753.

7—Breves, villa por Lei provincial de 25 de Outubro de 1851, installada em 25 de Março de 1852, cidade por Lei de 2 de Novembro de 1882. Compõe-se de uma só parochia :

47) Sant'Anna dos Breves, creada em 1850.

8—Cametá, fundada em 1635, cidade por Lei de 24 de Outubro de 1848. Compõe-se de duas parochias :

- 48) S. João Baptista de Cametá, creada em 1635
- 49) N. S. do Carmo de Tocantins, creada em 1853.
- 9— Cintra, fundada em 1700, cidade por Lei provincial de 11 de Novembro de 1885. Compõe-se de duas parochias :
- 50) S. Miguel de Cintra, creada em 1757
- 51) N. S. do Rosario de Santaren Novo, creada em 1868
- 10— Gurupá, fundada em 1639, cidade por Lei provincial de 11 de Novembro de 1885 Compõe-se de quatro parochias :
- 52) Santo Antonio de Gurupá, creada em 1639.
- 53) Santa Cruz do Villarinho do Monte, creada em 1639.
- 54) N. S. do Rosario de Arrayolos, creada em 1758.
- 55) N. S. da Conceição do Almeirin, creada em 1758.
- 11— Macapá, fundada em 1752, cidade por Lei provincial de 6 de Setembro de 1856 Compõe-se de uma parochia :
- 56) S. José de Macapá, creada em 1752.
- 12— Monte Alegre, fundada em 1758. cidade por Lei provincial de 15 de Março de 1880 Compõe-se de duas parochias :
- 57) S. Francisco de Assiz de Monte Alegre, creada em 1758.
- 58) Ereré, creada em 1873.
- 13— Obidos, fundada em 1758, cidade por Lei provincial de 2 de Outubro de 1854. Compõe-se de uma só parochia :
- 59) Sant'Anna de Obidos, creada em 1758
- 14— Santarem, fundada em 1754, cidade por Lei provincial de 24 de Outubro de 1848 Compõe-se de duas parochias :
- 60) N. S. da Conceição de Santarem, creada em 1761.
- 61) N. S. da Saude do Alter do Chão, creada em 1753
- 15— Vigia, villa em 1693 e cidade por Lei provincial de 2 de Outubro de 1854. Compõe-se de uma só parochia :
- 62) N. S. de Nazareth da Vigia, creada em 1693.
- Villas*
- 12— Abaeté, por villa Lei provincial de 22 de Março de 1880 installada em 25 de Março de 1883. Compõe-se de duas parochias :
- 63) N. S. da Conceição de Abaeté, creada em 1750.
- 64) S. Miguel de Beja, creada em 1853.
- 13— Acará, villa por Lei provincial de 19 de Abril de 1875. Compõe-se de uma só parochia :
- 65) S. José de Acará, creada em 1758.
- 14— Alenquer, villa por Lei provincial de 23 de Junho de 1848, installada em 11 de Janeiro de 1849. Compõe-se de uma só parochia :
- 66) Santo Antonio de Alenquer, creada em 1758.
- 15— Aveiros, villa por Lei provincial de 4 de Abril de 1883, installada em 1 de Junho de 1884. Compõe-se de uma só parochia :
- 67) N. S. da Conceição de Aveiros, creada em 1781.
- 16— Bayão, villa em 1833 e installada a 17 de Outubro do mesmo anno. Compõe-se de duas parochias :
- 68) Santo Antonio de Bayão, creada em 1758
- 69) S. Pedro de Alcobaça, creada em 1870.
- 17— Cachoeira, villa em 1833. installada em 7 de Maio de 1834. Compõe-se de uma só parochia :
- 70) N. S. da Conceição da Cachoeira, creada em 1747
- 18— Chaves, fundada em 1758. Compõe-se de uma só parochia :
- 71) Santo Antonio de Chaves, creada em 1758.
- 19— Collares, villa por Lei provincial de 4 de Abril de 1883, installada a 3 de Novembro do mesmo anno. Compõe-se de uma só parochia :
- 72) N. S. do Rosario de Collares, creada em 1757.
- 20— Curralinho, villa por Lei provincial de 6 de Março de 1865, installada em 12 de Janeiro de 1867. Compõe-se de duas parochias :
- 73) S. João Baptista do Curralinho, creada em 1865
- 74) S. Sebastião da Bôa Vista, creada em 1868.
- 21— Curuçá, villa por Lei provincial de 21 de Novembro de 1850, installada em 7 de Janeiro de 1853. Compõe-se de uma só parochia :
- 75) N. S. do Rosario de Curuçá, creada em 1859.
- 22) Faro, villa em 1758, installada em 21 de Dezembro de 1768. Compõe-se de uma só parochia
- 76) S. João Baptista de Faro, creada em 1758.

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 31 DE MARÇO DE 1889 — BOLETIM XVI

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

66 — ARTHUR AZEVEDO. Contos possiveis, prosa e verso — Nuvem por Juno, O fato do actor X, Um susto, Aventuras de um adolescente, Seis cartas, O Marcolino e o Alfredo, Que espiga! A aza negra, O Sr. Leoncio, Um capricho, Scenas conjugaes, Desejo de ser mãe, A occasião faz o ladrão, *Int'r pocula*, Soror Martha, Noite de insomnia, O grammatico, Disillusão, Um bilhete de loteria, Aventuras do Borrão, Argos, Rogerio Brito, Parizinas, A toalha de crivo, 22 e 27, E' minha mãe! — Rio de Janeiro, Typ. a vapor de H. Lombaerts, 1889, 16º com VII-198 pags.

67* — CASTRO LOPES. (Dr. Antonio de) Descobrimento litterario assombroso. Rio de Janeiro?

68* — COMARCA de Cantagallo Conflicto levantado pelos advogados deste fôro a proposito de ser esta comarca declarada especial Cartas testemunhaveis.

69* — COSTA RAMOS (Dr. Antonio Francisco) Protesto contra as imcrepações dos seus desafectos — Capivary?

70* — DISCURSO proferido no dia 31 de Maio de 1888 na sessão litteraria realizada no Lycée de Manáos para celebrar a lei de 13 de Maio — Amazonas?

71* — DOCUMENTOS relativos á questão Cecy. Collecionados por um *Sportmann* — Rio de Janeiro?

72* — DOUTOR FRONTIN. A aguas em seis dias Versos humoristicos.

73* — OLIVEIRA MARTINS. *Utopias*, poesias. S. Paulo?

74 — PROCESSO de interdicção do juiz de direito da comarca de S. João de Capivary, na província de S. Paulo.

75* — RELATORIO apresentado pela Companhia de Seguros Argos Fluminenses — Rio de Janeiro?

76* — RELATORIO apresentado á presiden-

cia da província de S. Paulo pelo chefe de polícia, dezembargador Ernesto Julio Bandeira de Mello — S. Paulo?

77* — RELATORIO da Real Associação Beneficente dos Artistas Portuguezes, apresentado á assembléa geral dos socios, pelo vice-presidente o Sr. José de Carvalho Salgado.

78* — RELATORIO da Sociedade Beneficente em Campos — Campos?

79* — RELATORIO da Sociedade Maritima de Beneficiencia, apresentado á assembléa geral de 20 de Janeiro ultimo, pelo seu presidente Alexandre Pereira de Figueiredo Tondella — Rio de Janeiro?

80* — RELATORIO n. 39 da directoria da Companhia Paulista de vias-ferrea e fluviaes para a sessão de assembléa geral de 31 d' Março — S. Paulo?

81* — SERVENTIA vitalicia do officio de secretario da relação, com os pareceres dos jurisconsultos pelo Dr. Joaquim Maria dos Anjos Espesel

82 — VALENTIM MAGALHÃES. Horas alegres. Rio de Janeiro, Typ. de Laemmert & C. — 1888, 16º com 216 pags. e 2 imuns.

MUSICAS

24* — ALEXANDRE G. DE ALMEIDA. Carnhosa valsa.

25* — BARATA (J. J.). Pega de galho, polka.

26* — C. CAVALLIER Tango dos capoeiras (da Revista *D. Sebastian*).

27* — COSTA JUNIOR. Primavera, melodia para piano.

28 — DOMINGOS ALEXANDRE. Bendegô, canção de amor.

29* — ERNESTO COUTO. Sempre! valsa para piano.

30* — FORTES (M.) Bianca, valsa.

31* — JULIUS ALPINOS. Gruta dos amores, valsa.

LIVROS COLLEGIAES

A VENDA NA

LIVRARIA CLASSICA
DE
ALVES & COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

Noções da Historia Universal, por João Maria da Gama Barquó, professor substituto de Historia e Geographia no Imperial Colégio D. Pedro II. 1 vol. 5\$000

Geographia Geral do Brazil, por A. W. Seillia, consideravelmen e aumentada por J Capristano de Abreu, 1 vol. 2\$500

Elementos de Arithmetica, pelo Dr. João J. Luz Vianna, 3a edição, 1 vol. 4\$000

Rudimentos de Historia Universal, tradução de D. Maria E. Leal, 1 vol. 2\$000

O Brazil em 1859 - Geographia do Brazil, pelo Dr. Moreira Pinto, 3a edição consideravelmente melhorada, 1 vol. 3\$000

Noções de Historia Universal, pelo Dr. Moreira Pinto, 2a edição muito melhorada, 1 vol.

Grammatica allemã, theorica e practica, por Emilio Otto, adaptada ao programma de ensino no Brazil, por Adolpho Neumann. 1 vol. 4\$000

Dicionario grammatical, contendo em resumo todas as matérias que se referem ao histórico e comparativo da língua portugueza, compilado por João Ribeiro. 1 vol. 4\$000

Grammatica portugueza, curso superior, 3º anno, por João Ribeiro, 2a edição, correcta e aumentada, 1 vol. in-12 3\$000

Grammatica portugueza elementar, curso medio (2º anno) por João Ribeiro, 1 vol. 2\$000

Grammatica portugueza da infancia, curso primário (1º anno), por João Ribeiro 1\$000

Principios de composição, descrições, narrações, cartas, etc., por Guilherme do Prado. 1 vol. 1\$000

Arithmetica da infancia e metrologia, por monsenhor C. Couturier, bacharel em

sciencias e em letras, professor de mathematicas, 3a edição, 1888, 1 vol in-32 cart. \$100

Analyse logica e noções de Syntaxe e Rhetorica, por G. Ch. Raoux Briggs, 1 volume 1\$500

Curso de Geographia Geral, etc., pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 3\$000

Guia Pedagogica de cálculo mental e uso do contador mecanico ou arithmometro no ensino elementar da arithmetic, tradução e adaptação ás nossas escolas, por Alambary Luz, 1 vol. 2\$000

Tratado de Methodologia, por Felisberto de Carvalho, 1 vol. 2\$000

Arithmetica das escolas primarias, organizada de acordo com os relativos preceitos pedagogicos, por F. R. P. de Carvalho, 1 vol. in-32 cart. 800

Geographia - atlas, contendo oito mappas, seguida d'um ligeiro esboço chronologico da Historia do Brazil e de poucas noções de cosmographia, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol. 1\$000

athecismo da Doutrina Christã, aprovado pelo Illm. e Exm. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol. cart. 500

Compendio da Historia Sagrada, dedicada a infancia brazileira, ornada com 108 estampas e 6 mappas, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol. 800

Diurnal da mocidade christã, dedicado aos filhos e filhas da terra de Santa Cruz, por monsenhor Carlos Couturier, 3a edição, 1 vol in-32 2\$000

Rudimentos de chirographia do Brazil pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. cart. 1\$000

Noções de geographia geral, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 2a edição correcta e aumentada, 1 vol. cart. 1\$000

Novo metodo pratico e facil para aprender a língua francesa com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brazileiros, por F. de Oliveira, 2a edição correcta e melhorada. 1 vol. cart. 1\$500

Novo metodo pratico e facil para aprender a língua ing eza com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brazileiros por F. de Oliveira, 1 vol. cart. 1\$500

Novo metodo pratico e facil para aprender a língua italiana com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brazileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. cart. 1\$500

VANTAJOSOS ABATIMENTOS AOS COLLEGIOS

LIVROS

A VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

<i>Paulo Saunière</i> . O N° 3:759 tradução de Francisco da Costa Braga, 3 vols, br. 1\$500	
<i>Jules B ulabert</i> . A mulher bandido, tradução de Francisco da Costa Braga, 3 vols. brochados	1\$500
<i>Amedée Achard</i> . As miserias de um milionario, tradução de Francisco da Costa Braga, 2 vols. br.	1\$000
<i>Alfred de Brehat</i> . Lagrimas e sorrisos, tradução de Francisco da Costa Braga, 2 vol. br.	1\$000
<i>Elie Be thet</i> . Os crimes da marquezza, tradução de Francisco da Costa Braga, 1 vol. br.	\$800
<i>Paulo Saunière</i> . A herança do enforcado tradução de Francisco da Costa Braga, 2 vol. br.	1\$000
<i>Gama Rosa</i> Biologia e sociologia do caza mento, 1 vol. br.	1\$000
<i>Mucio Teixeira</i> —Poesias e poemas 188-1887. Penumbra, idyllo e o cantico dos canticos, segunda edição, impressão e papel de luxo, ornado com o retrato do autor. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888, 1 vol. in-8º br	3\$000
<i>Victor Tissot e Constant Amero</i> —A Russa Vermelha, tradução de Corina Coaracy 1 vol. in-8º br.	1\$000
<i>E. A. Vidal</i> —Crepusculos, 1 volume in-8 brochado.	1\$000
<i>Victor Hugo</i> —O ultimo dia de um condenado á morte, 1 vol. in-8º	\$500
<i>Wilkes</i> —Panças e Finanças (pamphleto), 1 vol. in-8º	\$200
<i>Cunha Belém</i> —O pedreiro livre, drama em 4 actos, br.	\$500
<i>M. M. Portella</i> —Lyrica e lendas do Brasil, 1 vol. in-16 br.	\$500
<i>Alfredo Ancora</i> —Amor de artista, poema, 1 vol. in-16 br.	\$500
<i>Camillo C. Branco</i> —Echos humoristicos do Minho, n 1, 2 e 3, br.	\$600
<i>Camillo C. Branco</i> —Suicida, 1 volume in-16 br.	\$400
<i>Joaquim Tamegão</i> —O universalismo, 1 vol. in-12 br.	\$200
<i>Laboulaye</i> —Paris na America, tradução de Lobo de Bulhões, 1 vol. in-16 enc	2\$000
<i>Geikie</i> —Geologia, tradução de Carlos Jansen, 1 vol. in-16 br.	\$200

<i>Roscoe</i> —Chimica, traducção de Carlos Jansen, 1 vol. in-16 br.	\$200
<i>Castro Alves</i> —Os escravos, poema brasileiro, dividido em duas partes: A Cachoeira de Paulo Affonso, e manuscrito de Stenio, precedido da biographia do poeta por Mucio Teixeira, 1 vol. in-16 br.	1\$000
<i>Castro Lopes</i> —Origens d' annexins, prolo quios, locuções populares, siglas, etc., 1 vol. in-16, 1886.	2\$000
<i>Castro Lopes</i> —Musa Latina—amaryllis os direcões, 1 vol. in-16 1887.	1\$500
<i>L. L.</i> —Um homem gasto, episodio da história social do XIX seculo, 1 vol. in-16 1885	1\$000
<i>Maria Amalia Vaz de Carvalho</i> —Contos e phantasias, 1 vol. in-16 1880	1\$000
<i>Tarbéé</i> (Edmond) — Bernardo o assassino, tradução d'Etoile du Sud, 1 vol. in-16, 1887.	1\$000
<i>Gomes Ribeiro</i> —Nevoas matutinas, (poe sias) 1 vol. in-16, br.	\$500
<i>Marchal</i> (Padre V.) — O homem como deve ria sel-o, tradução de Antonio de Mes quita 1 vol. br.	1\$000
<i>Soulié</i> (Frederico) — Memorias do diabo, tradução de Guimaraes Fouseca, 4 volumes brochados.	3\$000
<i>Picanço</i> (Francisco) — Vocabulario de estradas de ferro e de rodagens 1 vol. br.	2\$000
<i>Naver</i> (Ramilde) — Os idólos, romance, 1 vol. br.	\$500
<i>Castro</i> (Vicente Felix de) — Os homens de sangue ou os soffrimentos da escravidão, romance original, 2 vols. br.	1\$500
<i>Andrade</i> (Angelica de) Reverberos do poente (poesias), 1 vol. br.	\$500
<i>Gil</i> (F.) — Contos a esmo, 1 vol. br.	1\$000
<i>Getulino</i> (Luiz Gama) — Primeiras trovas burlescas, 1 vol. br.	\$500
<i>Montepiñ</i> (Xavier de) — A sereia, versão de E. Accacio, 2 vols. br.	\$600
<i>Alberto Pimentel</i> — Aventuras de um pre tendente, (romance), 1 vol. br.	\$500
<i>Eduardo Garrido</i> — D. Juanita, opera co mica em 3 actos, 1 vol.	\$500
— — — Os sinos de Corneville, opera co mica em 3 actos.	\$500
— — — Sonhos d'ouro, peça fantasti ca em 3 actos e 12 quadros.	\$500
<i>Alberto de Oliveira</i> — Sonetos e poemas, 1 vol. br.	1\$000
<i>Rodrigo O tatio</i> — Poemas e idyllos, 1 vol. br.	\$50.

O CENTRO BIBLIOGRAPHICO FAZ VANTAJOSOS ABATIMENTOS AOS LIVREIROS